Oriente Médio: um campo de provas militares para russos e americanos

GUERRAS DO PETRÓLEO

# NAS ESCALDANTES AREIAS DO DESERTO

DURANTE A GUERRA FRIA, O ORIENTE MÉDIO FOI PALCO DE INTENSOS COMBATES ENTRE ÁRABES E JUDEUS OU PELA HEGEMONIA DO PETRÓLEO. NOS BASTIDORES, EUA E URSS BRIGAVAM PELO CONTROLE DA REGIÃO

POR MÁRCIO SAMPAIO DE CASTRO

Em fevereiro de 1955, após um ataque de retaliação à Gaza, então um território sob jurisdição egípcia, por um comando formado por duas companhias de pára-quedistas do Exército israelense, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, convocou o embaixador dos Estados Unidos a seu gabinete. Nasser, a mais perfeita personificação do nacionalismo árabe na época, sentia-se humilhado pelos constantes ataques desferidos por israelenses contra os guerrilheiros palestinos armados e insuflados por ele. O presidente egípcio queria comunicar ao representante de Washington que, ante a recusa dos americanos em fornecer-lhes armas, ele iria procurar outras fontes.

Os emissários de Nasser encontraram atrás da "cortina de ferro" os braços abertos e, principalmente, as armas que procuravam. Em outubro daquele ano, o governo da Tchecoslováquia, um satélite da União Soviética, entregava ao Egito diversos equipamentos no valor de 320 milhões de dólares, entre armas automáticas, tanques T34/85, aparelhos de radar e 120 aviões de combate a jato, como os MIG 15 e 17. Pelas mãos do egípcio, o Oriente Médio entrava na Guerra Fria.

Percebendo o tamanho da encrenca que se aproximava, o primeiro-ministro israelense, Ben-Gurion, e seu ministro da defesa, Shimon Peres, voaram para Paris e assinaram com os franceses um tratado de cooperação militar. Nos bastidores, acertaram os detalhes sobre a ação conjunta que fariam no ano seguinte para garantir o deserto do Sinai aos israelenses e a volta do controle do Canal de Suez, recém-nacionalizado por Nasser, às mãos de franceses e ingleses.

A partir de outubro de 1956, a ação coordenada entre Inglaterra, França e Israel levou à rápida destruição da quase-totalidade dos 320 milhões de dólares de equipamentos fornecidos aos egípcios. Diante da iminência de perder uma importante peça no tabuleiro do jogo pelo controle de regiões estratégicas, os soviéticos apareceram em cena de forma virulenta. Ao primeiro-ministro Ben-Gurion, enviaram uma carta ameaçando entrar no conflito. Quanto às duas ex-potências coloniais, o recado era simples: mísseis soviéticos com ogivas atômicas já estavam apontados para Londres e Paris. Irritados com a confusão e sentindo-se traídos por não terem sido consultados sobre a ação, os americanos forçaram os três países a uma humilhante retirada.

Tanque israelense chega às Colinas de Golã durante a Guerra do Yom Kippur, 1973

© 2

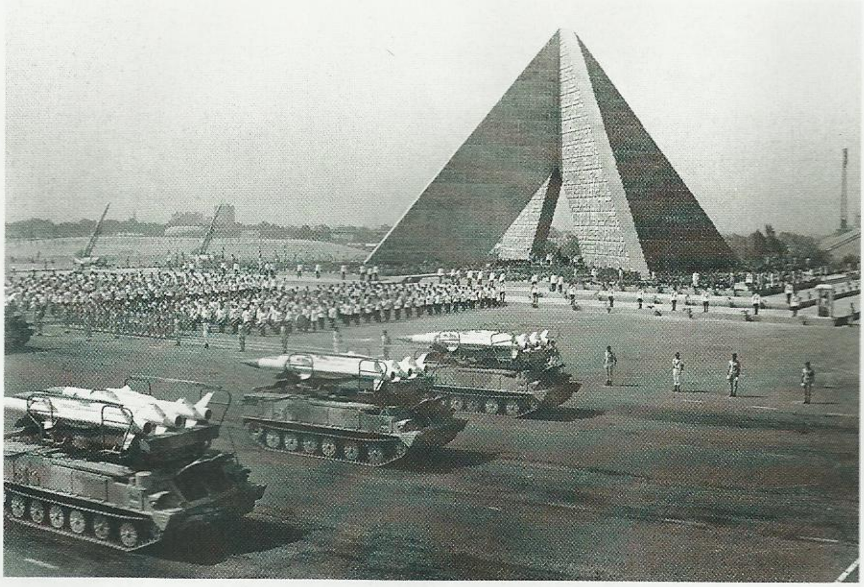
**A AÇÃO DA INGLATERRA, FRANÇA E ISRAEL PRATICAMENTE DESTRUIU O ARSENAL EGÍPCIO**

As conseqüências da crise de Suez seriam uma polarização maior entre árabes e judeus e a crescente presença das duas superpotências na região. Os soviéticos estreitaram os vínculos com o Egito de Nasser e aproximaram-se bastante da Síria. Já os americanos aumentariam paulatinamente o fluxo de armas para Israel, até ocuparem totalmente o papel dos franceses como principais fornecedores para as forças de defesa daquele país.

## O FIM DE NASSER

Quase duas décadas depois, o campo de testes de armamentos modernos das superpotências no qual havia se convertido o Oriente Médio preparava-se mais uma vez para um embate que mudaria os destinos da Guerra Fria no subcontinente. Nasser estava morto. O desgosto

© 1, 2 AP



© 1

Parada: os então modernos mísseis SAM soviéticos faziam a defesa antiaérea egípcia

e a humilhação pela derrota na Guerra dos Seis Dias, em 1967, haviam sido demais para ele, e um ataque cardíaco fulminante o retiraria de cena três anos depois. Em seu lugar, Mohamed Anwar el-Sadat assumiria a presidência egípcia, iniciando uma política nada ortodoxa em relação às superpotências e a Israel.

No início de 1973, um visitante estrangeiro que estivesse no Egito poderia facilmente esbarrar nas ruas do Cairo com um dos 15 mil militares e técnicos soviéticos que ajudavam o país a ser o mais equipado com armamentos fabricados pela União Soviética fora da Europa. Nos bastidores, porém, Sadat procurava os americanos e os israelenses para negociar os termos pelos quais o Sinai, perdido na última guerra, poderia lhe ser devolvido. Também nos bastidores, os Estados Unidos agiam para enfraquecer governos nacionalistas árabes afinados com ideologias marxistas, insuflando movimentos islâmicos. Com tantas movimentações obscuras, os soviéticos foram apanhados de surpresa quando Sadat, para mostrar boa vontade com os Estados Unidos, expulsou todos os conselheiros militares da potência comunista de seu país no mês de julho. Mesmo com o gesto emblemático, americanos e israelenses permaneciam céticos.

## GUERRA DO YOM KIPPUR

Diante da persistente indiferença de seus interlocutores, o presidente egípcio resolveu negociar a paz com seus vizinhos judeus, começando pela guerra. Procurou seus aliados sírios e, apelando para o ideal da unidade árabe, convenceu-os a empreender uma ação conjunta contra Israel. O plano de Sadat era simples. Como sabia que seu exército estava bem preparado e tinha condições de oferecer sérias dificuldades aos israelenses dentro da península do Sinai, sua intenção era reocupar uma fração daquele território e depois chamar os inimigos à mesa de negociação. Porém, o velho adágio que diz "todos sabem como uma guerra começa, ninguém sabe como termina" iria se confirmar mais uma vez.

A Guerra do Yom Kippur, planejada em função do calendário judaico para apanhar os israelenses de surpresa, começou no dia 6 de outubro. Mal acostumadas com as vitórias relativamente fáceis obtidas nos confrontos anteriores, as Forças de Defesa de Israel conheceram nos primeiros dias do conflito reveses nunca antes experimentados, com a perda de um grande número de aeronaves, tanques e homens.

Mas a maré da guerra começou a virar quando os americanos iniciaram a retirada de armas e aviões de seus arsenais e unidades operacionais para encaminhá-las através de uma ponte aérea para Israel. Ao norte, os sírios, entusiasmados pelas vitórias iniciais, excederam-se no avanço e tornaram-se presas fáceis das agora renovadas brigadas de tanques israelenses. Ao sul, os egípcios, também excitados, abandonaram a proteção de seu moderno sistema de defesa antiaéreo, dotado de mísseis soviéticos SAM, e aventuraram-se pela península em direção às fronteiras originais de Israel. Foram massacrados por colunas de blindados inimigas auxiliadas por aviões, no episódio que se configuraria como o maior confronto entre tanques que se viu desde a Batalha de Kursk, na Segunda Guerra Mundial. Na noite do dia 14 de outubro, o general Bar-Lev te-

© 2

Sadat (centro): presidente egípcio queria os territórios tomados por Israel em 1967

lefonaria para a primeira-ministra Golda Meir para anunciar: "Foi um dia bastante bom. Nossas forças voltaram a ser o que eram e os egípcios também".

Com o colapso das forças árabes, dois atores entrariam em cena para deter o avanço de Israel. O primeiro eram os soviéticos, que ameaçavam intervir caso os israelenses atacassem Damasco, a capital síria. O segundo era a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), majoritariamente formada por países árabes, que, em protesto contra o apoio do Ocidente a Israel, elevou o preço do barril de petróleo mais de 300%, provocando um choque na economia mundial. Era o fim da Guerra do Yom Kippur.

© 3

Estrela-de-davi: soldado com a bandeira de Israel no Canal de Suez, 1973

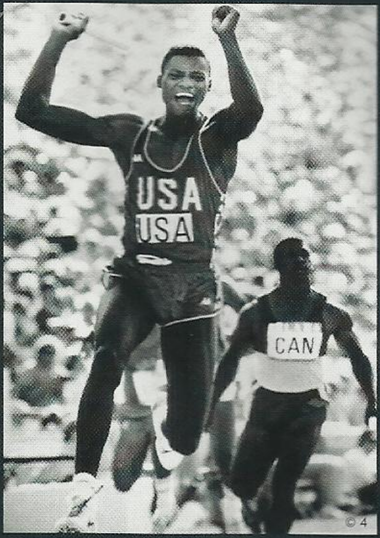
Ao perder a parceria com os egípcios, os soviéticos ficariam somente com a Síria no papel de satélite no Oriente Médio. Outros países, como o Iraque e a Líbia, limitariam-se a ser compradores de seu armamento. Os americanos, por outro lado, viam-se agora às voltas com um fenômeno que, direta e indiretamente, haviam insuflado. Movimentos fundamentalistas islâmicos pipocavam em diversos locais e, ironicamente, levaram ao exílio o líder do regime mais alinhado com seus interesses na região, depois de Israel, o xá Reza Pahlavi do Irã.

Quando os Estados Unidos incentivaram o Iraque de Saddam Hussein a invadir o Irã dos aiatolás, no início dos anos 80, os emissários soviéticos procuraram o ditador em Bagdá apenas para oferecer-lhe armas. Eles estavam ocupados demais combatendo no Afeganistão para tirar partido ideológico da nova guerra. Para os Estados Unidos, a sensação era de haver controlado a onda vermelha no Oriente Médio, podendo manobrar os países produtores de petróleo. Os americanos não tinham a dimensão do quanto o fundamentalismo islâmico lhes tiraria o sono nos anos pós-Guerra Fria. ■

## GUERRA E ESPORTE

Em finais de 1979, o Afeganistão, país aliado da União Soviética, encontrava-se convulsionado por uma guerra civil. De um lado, integrantes do governo comunista brigavam entre si e ainda enfrentavam grupos tribais apegados às tradições islâmicas e rebelados. Para tentar resolver a situação, a URSS interveio no país, metendo-se em um atoleiro do qual só sairia, militarmente vencida e economicamente exaurida, quase dez anos depois. Durante o período, os Estados Unidos criaram a expressão "Vietnã soviético" e armaram e incentivaram a participação de *mujahideens*, guerreiros islâmicos, de diversas partes do mundo árabe para combater os comunistas.

Mas a mais visível ação dos Estados Unidos contra a invasão se deu nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. Lideraram um boicote, com a adesão de 68 países, às Olimpíadas organizadas pelos soviéticos. Quatro anos depois foi a vez de o bloco comunista boicotar as Olimpíadas de Los Angeles. Eram os ventos da política soprando sobre o esporte.




© 4

Carl Lewis: corredor não foi a Moscou

## PARA SABER MAIS

LIVRO

***Oriente Médio,*** Márcio Scalercio, Editora Campus, 2003.
Um rico relato sobre o conflito entre árabes e judeus, desde a criação do Estado de Israel.

© 1, 2, 3, 4 AP